

## **Conceitos para um atlas subjetivo**

**Denise OURIQUES Medeiros**  
UFSC  
Florianópolis, SC, Brasil  
deniseouriques@yahoo.com.br

**Richard PERASSI Luiz de Sousa**  
UFSC  
Florianópolis, SC, Brasil  
richard.perassi@uol.com.br

### **RESUMO**

Este artigo visa expor uma pesquisa sobre atlas subjetivos. O contexto dos estudos envolve a psiogeografia, a representação incomum, as impressões visuais e a percepção espacial. Mapas são considerados uma aptidão inata da humanidade. O termo atlas subjetivo foi cunhado mais recentemente pela designer holandesa contemporânea Annelys de Vet, trabalhando com a representação de identidades culturais e com a preocupação com o papel público do designer gráfico. O atlas subjetivo é um documento gráfico que vai reunir as impressões visuais do indivíduo sobre determinado espaço do território e suas características, concebendo objetos de representação incomum que ilustrem e materializem outras concepções da realidade. Isso ajuda a estabelecer parâmetros mais democráticos de interpretação dos espaços. A psicogeografia, idéia original para a concepção de atlas subjetivos, objetiva despertar a revolução a partir da atuação crítica e consciente no cotidiano. O documento gráfico é um modelo experimental que se constitui de uma seleção arbitrária de pontos de vista pessoais, mas significativos, de elementos que o indivíduo considera importantes na sua cultura. Assim, relaciona-se a chamada cartografia emocional com novas cartografias contemporâneas, considerando-se a necessidade da representação espacial como meio transformador da ação no espaço. A proposta é identificar e descrever essas cartografias, tomando por referência as pesquisas na área.

### **ABSTRACT**

This article aims to expose a research on subjective atlas. The context of studies involves psychogeography, unusual representation, visual impressions and spatial perception. Maps are considered an innate ability of mankind. Subjective Atlas term was coined recently by contemporary dutch designer Annelys de Vet, working with the representation of cultural identities and the concern for the public role of the graphic designer. Subjective atlas is a graphic document that will bring together the visual impressions of the individual on a given space of the territory and its features, designing unusual representation of objects that illustrate and materialize other conceptions of reality. This helps to establish more democratic interpretation parameters of spaces. The psychogeography, original idea for the design of subjective atlas, objective awakening of the revolution from the critical and conscious in the everyday lives. The graphic document is an experimental model which consists of an arbitrary selection of personal views, but significant elements that the individual considers important in their culture. Thus, the call relates to new emotional mapping contemporary mappings, given the need for spatial representation as action through the space transformer. The proposal is to identify and describe these mappings, by reference to the research in the area.

**PALAVRAS-CHAVE:** atlas subjetivo;  
psicogeografia; cartografia emocional;  
representação espacial.

## OBJETIVOS

Levantar dados para o entendimento do que seja um atlas subjetivo, com bases históricas na psicogeografia. Para isso, são levantados os conceitos de mapas, imagens e percepção – de modo relacionado ao tema.

## JUSTIFICATIVA

A sociedade do conhecimento incorpora e dá sentido à informação codificada e disseminada em ondas, fluxos e conexões globais. Isso responde e exige mudanças nos valores culturais, para que os benefícios decorrentes sejam motivos de satisfação com essa ordem tecnológica, econômica, social, artística e humana.

Os espaços urbanos ou as cidades devem ser privilegiados pelos benefícios decorrentes das tecnologias disponíveis. Assim, o trabalho inovador que investe no capital intelectual é articulado aos processos criativos em geral e aos artísticos em particular, sendo isso fundamental na dinâmica da atualidade.

O momento histórico atual é caracterizado por diversas crises em diferentes localidades do espaço global. Essas crises são de ordem econômica, política, tecnológica, cultural e territorial, sendo que parte dos problemas é circunstancial. Mas, a parte predominantemente afetada é por problemas estruturais, requerendo abordagens revolucionárias, no tocante à problemática cotidiana que envolve moradia, comércio, a mobilidade urbana, saneamento básico, iluminação e o acesso às tecnologias e serviços.

As necessidades dos cidadãos demarcam as relações sociais nos lugares. Assim, a troca de informações e a qualidade do conhecimento propiciam soluções mais adequadas, abrangentes e inteligentes.

## ATLAS SUBJETIVOS

Há autores que consideram que fazer mapas é uma aptidão inata da humanidade. “Qualquer pessoa que não saiba ler, mas a quem se pergunta qual o melhor caminho para ir a algum lugar, é capaz de fazer um esboço, mostrando o caminho a seguir, os fatos importantes que existam ao longo do percurso e os principais obstáculos” [1].

Para Claval [2], “o ambiente só tem existência social através da maneira como os grupos humanos o concebem, analisam e percebem suas possibilidades e através das técnicas que permitam explorá-lo”. Considera-se, aqui, que a criação de mapas subjetivos faz parte dessas técnicas. E isso é tão remoto quanto a própria escrita. Medeiros [3] assinala:

A interpretação acerca dos territórios ou domínios do ser humano sempre esteve presente em desenhos gravados em pedra, argila, pele de animais e outras estruturas. A apreensão do espaço e a elaboração de estruturas abstratas para representá-lo têm sido marca da vida em sociedade.

O termo atlas subjetivo foi cunhado mais recentemente pela designer holandesa contemporânea Annelys de Vet, cujo trabalho extrapola o papel do design em relação aos discursos público e político, trabalhando com a representação de identidades culturais e nacionais. É uma idéia recente, que ainda carece de maiores estudos e bibliografia. Na figura 1 pode-se observar como esses mapas podem ou não estar relacionados ao território geográfico e suas representações convencionais.

O conceito de atlas subjetivo desenrola-se a partir da preocupação com o papel público do designer gráfico. Se um atlas é um conjunto de mapas, cartas ou estampas, o termo subjetivo representa aquilo que está no eu, que reside no espírito, que manifesta as idéias ou preferências da própria pessoa. Sendo assim, o atlas subjetivo é um documento gráfico que vai reunir as impressões visuais do indivíduo sobre determinado espaço do território e suas características, concebendo objetos de representação incomum que ilustrem e materializem outras concepções da realidade.



Figura 1: Página do Mapa Subjetivo da União Européia, Vet, 2004

Segundo Vet [4], o designer deve ser capaz de investigar e desenvolver idéias sobre a sociedade e a cultura e transformar as observações em idéias úteis ou até mesmo deixá-las como perguntas. Martinelli [5] ressalta que “a finalidade mais marcante em toda a história dos mapas, desde o seu início teria sido aquela de sempre estarem voltados à prática, principalmente a serviço da dominação, do poder”. A realização de um atlas subjetivo é um ponto que abre a idéia da informação territorial para algo não oficial, estabelecendo parâmetros mais democráticos de interpretação dos espaços. A existência de um atlas subjetivo pode implicar que também exista um atlas objetivo, mas isso é uma questão que fica em aberto, por enquanto. Os atlas objetivos são impessoais e oficiais em sua realização plástica. Quando uma entidade geográfica ou cultural é mapeada, pode-se discutir se é possível, que para alcançar uma representação imparcial, apolítica e, portanto, objetiva, ela terá que ter o mesmo significado amanhã e hoje. Atlas são feitos por pessoas, e as práticas culturais e preferências pessoais influenciam as suas escolhas. Cada caracterização também é uma distorção mutável, e muitas vezes em desacordo com outras caracterizações.

Leão [6] relata que:

A experiência da psicogeografia, projeto do final dos anos 1950 proposto por pensadores do movimento situacionista, buscava relacionar o

slogan ‘todos têm o poder’ – com o objetivo de despertar a revolução a partir da atuação crítica e consciente no cotidiano – à criação de mapas subjetivos. As psicocartografias buscavam resgatar e redescobrir as ligações entre os conteúdos afetivos e os espaços públicos.

Segundo a definição dada pela Internacional Situacionista em sua edição número 01, em junho de 1958, a palavra psicogeografia conceitua o estudo das leis do meio ambiente geográfico e seus efeitos específicos sobre as emoções e comportamentos individuais ou grupais.

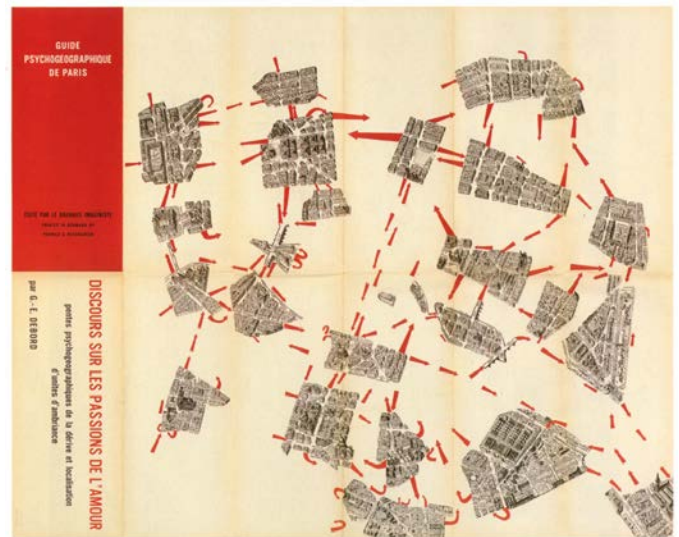


Figura 2: Imagem do Guide Psychogéographique de Paris, de Guy Ernest Debord, 1957

O mapa psicogeográfico “Naked City” (Figura 2) feito por Guy Debord e Asger Jorn é composto por recortes do mapa de Paris:

São, ‘unidades de ambiência’ (lugares), dispostos em posições aleatórias, que não respeitam seu local original. As setas vermelhas conectam os lugares e indicam a organização do espaço afetivo, a partir dos referenciais subjetivos, campos de força e de atração. Percebe-se, então, que as fotocollagens eram vistas como mapas [7].

A deriva tem suas origens no nomadismo, que é a errância voluntária pelas ruas de um lugar. Ainda segundo Leirias [7], essa é uma tradição que passa por Baudelaire (na figura do dândi), por Walter Benjamin (o flâneur), e as eambulações dadaístas e surrealistas. Estes

últimos também questionam a lógica do espaço, buscando outras possibilidades de experiência. Só que para os situacionistas a errância era de fato uma prática revolucionária e consciente, não somente investigações poéticas, mas um projeto para um novo urbano.

Aulete [8] apud Baker, conta que “a psicogeografia esteve muito em voga nos anos 1990 em Londres. Foi originada nos anos 1950 pelo grupo avant-garde revolucionário francês, primeiramente chamado Letristas e depois Situacionistas”. Ela é a prática geográfica afetiva (cartografia emocional) e subjetiva que se propunha a cartografar as diferentes ambiências psíquicas provocadas pelas caminhadas urbanas (o perder-se) que eram as derivas situacionistas. Essa ação do caminhar foi experimentada durante todo o início do século passado como forma de anti-arte. Em 1921, o movimento dadá organizou em Paris uma série de ‘visitas-excursões’ aos lugares banais da cidade: foi a primeira vez que a arte rejeitou os lugares célebres para reconquistar o espaço urbano. Segundo Careri [9]:

A visita é um dos instrumentos escolhidos pelo dada para realizar aquela superação da arte que será o fio condutor para a compreensão das vanguardas sucessivas. Em 1924, os dadaístas parisienses organizam uma errância em campo aberto. Descobrem no caminhar um componente onírico e surreal, e definem esta experiência como uma deambulação, uma espécie de escrita automática no espaço real, capaz de revelar as zonas inconscientes e o suprimido da cidade. No início dos anos cinquenta, a Internacional Letrista, contestando a deambulação surrealista, começa a construir aquela teoria da deriva que, em 1956, em Alba, entrará em contato com o universo nômade. Em 1957, Constant projeta um acampamento para os ciganos de Alba, ao passo que Asger Jorn e Guy Debord fornecem as primeiras imagens de uma cidade fundada sobre a dérive. A deriva urbana lettrista transforma-se em construção de situações experimentando comportamentos lúdico-criativos e ambientes unitários. Constant reelabora a teoria situacionista para desenvolver a idéia de uma cidade nômade – New Babylon –, levando o tema do nomadismo ao âmbito da arquitetura e fornecendo as raízes às vanguardas radicais dos anos seguintes.

A leitura da cidade atual, do ponto de vista da errância, baseia-se nas transurbâncias conduzidas pelo grupo Stalker em algumas cidades européias, a partir de 1995. “Perdendo-

se no meio das amnésias urbanas, o Stalker encontrou aqueles espaços que o dadá definira banais e aqueles lugares que os surrealistas definiram como o inconsciente da cidade” [10].

Geralmente, a bibliografia de design trata do tema de forma convencional. Haslam [11], por exemplo, traz uma detalhada explicação sobre a representação cartográfica do espaço, relacionando diferentes tipos de projeções e atrevendo-se apenas a relacionar o espaço de forma mais subjetiva através de diagramas – como alguns bem resolvidos exemplos de diagramas de metrô pelo mundo.

Lidwell et al [12] apresentam instruções sobre como organizar informação nova a partir de informação conhecida, traçando uma série de parâmetros para influenciar na percepção e ensinar através no design.

Ferreira & Simões [13], falam da geografia do comportamento e da percepção, que se baseia em duas premissas fundamentais: “o homem possui imagens mentais do meio e há possibilidade de as medir adequadamente; existe uma forte relação entre essa imagem mental do meio e o comportamento no mundo real”. Ora, aí eles dão pistas de que a construção de um atlas subjetivo pode ter uma reação bem prática no cotidiano, influenciando as atitudes e a postura social.

O documento gráfico constitui-se de uma seleção arbitrária de pontos de vista pessoais, mas significativos, de elementos que o indivíduo considera importantes na sua cultura. Num olhar mais atento, no entanto, estas observações pessoais podem ser consideradas menos aleatórias do que inicialmente poderia julgar-se.

Cada impressão individual no atlas é urgente em seu próprio direito, pois pretende expor as consequências de mudanças políticas, discretamente, de forma implícita, e não como um objetivo em si mesmo. Detalhes podem vir a conter um grande significado. As conexões incomuns feitas no inventário visual pretendem revelar fatos que normalmente permanecem invisíveis, especialmente os ligados aos fenômenos sociais. O diálogo cultural que surge entre as várias impressões coloca a experiência pessoal em um contexto mais amplo.

O atlas subjetivo pretende ser uma resposta humanista à crescente simplificação do



debate político e da complacência do poder, contrastando, muitas vezes, com os meios de comunicação, com o que os livros mostram, e, acima de tudo, com uma realidade complexa que está além das imagens simplistas da mídia convencional. Dentro da idéia inicial de Vet [14], espera-se que essas representações plurais possam contribuir para um discurso público mais democrático. Com a criação do roteiro, pode-se expandir, futuramente, para uma série de atlas, que pode estar disponível gratuitamente, como ferramenta que as pessoas podem usar para continuar a questionar criticamente o aparentemente objetivo.

A ação de criação de mapas subjetivos perpassa pela escolha de impressões que se têm acerca do território. A percepção da natureza dos espaços vai de encontro às experiências pessoais anteriores, e agrega sentido aos lugares: lugares de medo, lugares históricos, lugares sagrados, entre outros. Essas escolhas devem revelar a relação pessoal com a cidade, ou com o espaço geográfico em questão: a Ilha de Santa Catarina, caracterizando os olhares para espaços de inclusão, exclusão, os que apresentam dificuldades ou facilidades de acesso, os vazios, os 'invisíveis', os não-lugares etc. Sobre a subjetividade dos mapas, Bauman [15] afirma:

A cidade, como outras cidades, tem muitos habitantes, cada um com um mapa da cidade em sua cabeça. Cada mapa tem seus espaços vazios, ainda que em mapas diferentes eles se localizem em lugares diferentes. Os mapas que orientam os movimentos das várias categorias de habitantes não se superpõem, mas, para que qualquer mapa faça sentido, algumas áreas da cidade devem permanecer sem sentido. Excluir tais lugares permite que o resto brilhe e se encha de significado.

Para Gouveia [16], se pensarmos numa ordem de classificação como um mapa potencial da organização das coisas, então na ciência, como na navegação, os mapas precederam os territórios. E continua:

Acreditar que um mapa fotográfico é mais real ou próximo da realidade do que a subjetividade dos mapas e interpretações poéticas e abstratas dos artistas e escritores é o mesmo que acreditar que a terra é plana e representável a duas dimensões, que pode ser iluminada de forma homogênea em toda a sua superfície e que a representação geográfica é a única forma de representação correta. Tal como outros sistemas de representação este fornece-nos

apenas mais um ponto de vista e está imbuído de convenções, regulamentações e normas.

Todos estes significados, vale salientar, são válidos para a cultura ocidental atual, pois, conforme nos lembra Pimenta [17], na Alta Idade Média, por exemplo, eram raras as pessoas que se atreviam a sair a sós pelo campo ou pelas aldeias: "quem não manifestava pertencer a um grupo de amigos era rapidamente considerado criminoso ou louco". Ao longo da história, a partir dos descobrimentos científicos e significativas mudanças de paradigmas, desenrolou-se um longo processo. Hoje, com a imensa complexidade que possuem os territórios urbanos, podem-se encontrar referências até a 'exploradores urbanos' – pessoas que saem em busca de novos territórios e experiências dentro da própria cidade onde habitam.

Para McLuhan [18], a roupa é uma extensão da pele para guardar e distribuir nosso próprio calor, a habitação é um meio coletivo de atingir o mesmo fim. Como abrigo, a habitação é uma pele ou roupa coletiva. Nesta linha, as cidades são extensões ainda mais amplas dos órgãos corpóreos, visando a atender às necessidades dos grandes grupos. Ele complementa: para a compreensão dos meios e da tecnologia, "é necessário ter em mente que a novidade fascinante de um mecanismo ou de uma extensão de nosso corpo produz uma narcose, ou seja, um entorpecimento, na região recém-prolongada".

Sevcenko [19] critica a apropriação da cultura pelas elites dominantes, onde "dentro dos museus e centros culturais se cultua um passado sacralizado ou um presente embalado no cristal líquido da novidade. Ao redor, os serviços públicos fenecem, as possibilidades de promoção social se apagam, o espaço urbano se degrada". Neste sentido, a apropriação do espaço urbano, mesmo que sob a ótica perceptiva na forma de um atlas subjetivo, é o resgate da própria cultura humana.

### Sobre os mapas

Segundo Leirias [20], o mapa é aparentemente, uma construção confiável - assim, como foi a fotografia por muitos anos - à qual é atribuído um senso de verdade, digno de

fé. Como vive-se num momento histórico em que se privilegia a imagem e a visualidade, o mapa é visto como forma de visualização instantânea dos lugares, percursos, fenômenos, e tornou-se um artefato utilizado no dia-a-dia de forma ampla, especialmente com a difusão do uso de dispositivos portáteis conectados à internet.

Os mapas estão tão presentes, como se correspondessem a uma demanda de visualização, ou melhor, de espacialização e identificação. É uma demanda social (intelectual, acadêmica, artística, enfim, cognitiva) que busca sempre um referenciamento no lugar para os fenômenos, quando não um georeferenciamento. O mapa, desta forma, propõe num só olhar a dimensão de um fenômeno e sintetiza informações de forma objetiva.

Nos últimos anos, questionamentos epistemológicos internos à cartografia problematizaram a elaboração de mapas, como também sua utilização. Muitos se inspiram em vertentes pós-estruturalistas que dão outra dimensão ao papel do cartógrafo e do fruidor [21].

Ao longo da história, durante vários séculos, o acesso aos mapas foi um privilégio das classes constituintes da elite social: reis, nobres, alto clero, eruditos, navegadores famosos e grandes armadores de expedições marítimas.

Geralmente manuscritos, às vezes exemplares únicos, ou com pouquíssimas cópias mantidas em livros sagrados e em obras de cunho histórico-geográfico, da lavra de monges copistas, esse notável acervo acha-se hoje desfalcado de muitas das suas preciosidades cartográficas que orgulharam seus possuidores de outrora [22].

O invento de Gutenberg, na segunda metade do século XV, revolucionou todos os campos do conhecimento humano. A imprensa tornou-se um dos pilares da Renascença, movimento de renovação que transformou a visão do homem sobre o meio em que vivia e suas próprias relações com o mesmo. Miceli [22] complementa:

No âmbito da representação gráfica do mundo e suas partes, o grande mérito da nova tecnologia foi a socialização da cartografia: desde então o homem comum teve acesso ao mapa pela primeira vez. A adoção dos processos da xilografia e do talho-doce (gravação em madeira e em cobre, respectivamente) possibilitou a impressão de um grande número de exemplares, mais precisos e fiéis aos

originais, permitindo a divulgação rápida das informações geográficas provenientes dos descobrimentos das novas terras.

Com o aumento da procura de mapas, antes quase inexistente, houve o surgimento da figura do cartógrafo, como profissão, e o início do comércio de mapas, dessa vez com o aparecimento de editores e negociantes especializados na sua produção e venda.

O desenho de mapas é evidência incontestável do poder de conceituar as relações espaciais. Para Tuan [23], "é possível determinar o caminho através do cálculo de posição sem usar observações astronômicas e através da considerável experiência sem procurar desenhar as relações espaciais globais das localidades".

### Sobre as imagens

Atualmente vive-se em uma era de imagens. Elas estão presentes abundantemente em todos os campos da vida social, e grandes parcelas da comunicação e da informação são veiculadas por elas. Para Gomes [24]:

Sensações, momentos, experiências, lugares, pessoas, parece que qualquer coisa para existir deve ser necessariamente fixada sobre um suporte imagético. Segundo Jean Baudrillard, nos últimos anos, um fato, para ser verdadeiro, precisa antes ser apresentado como imagem, e verdadeiro não quer dizer real. A imagem não precisa de um correspondente 'real', como a cópia. Ela pode ser o produto de um jogo de simulacros, de imagens que se referem umas às outras.

O ser humano é potencial consumidor de imagens: o olhar, a atenção e o interesse são solicitados constantemente no passar ininterrupto de formas, cores e significados. Essas imagens competem pela captura atenta dos olhares – e não apenas destes: algumas deliberadamente procuram, sobretudo atrair a atenção.

Em um universo de múltiplas e contínuas possibilidades colocadas ao olhar, as imagens que conseguem prender nosso interesse estabelecem para si um campo de visibilidade privilegiado. Ao mesmo tempo, essas imagens, objetos centrais de nossa atenção, tornam as outras desinteressantes ou despercebidas, ou seja, paralelamente se estabelece um campo de relativa invisibilidade. Assim, existem aquelas imagens que, por conseguirem se extrair do fluxo da continuidade, se singularizam; mais do



Na figura 3 é apresentado o quadro dos elementos objetivos da matriz, que são os valores técnicos utilizados nas edificações ou no meio ambiente em geral, que resultam no espaço sensorial e perceptivo. Constrói-se o meio ambiente ao se utilizar valores objetivos como forma, função, cor, textura, aeração, temperatura ambiental, iluminação, sonoridade, significante e simbologia. “Cada um desses valores objetivos resulta no espaço dimensionado, funcional, sonoro, colorido, significante, e a somatória deles resulta no espaço da comunicação e da arquitetura” [33].

O ser humano recebe os estímulos advindos do espaço através de modalidades de diferentes formas de energia que estimulam os receptores especializados. Por meio deles, sente-se o ambiente e os fatos e eventos que chamam a atenção ou que são selecionados como de interesse, quando, então, tem-se a percepção da realidade de forma consciente. Já a maioria dos estímulos entra para o inconsciente, no qual forma o contexto ambiental.

#### Elementos subjetivos

Conforme Okamoto [33], os elementos subjetivos (não-objetivos) estão classificados em seis categorias. Por exemplo, cor, geometria, proporção, ritmo, escala, balanço, forma, leveza e textura, estão todos situados no sentido do pensamento, no sentido da compleição, dentro da lei da polaridade. Os demais estão no sentido da abdução.

Ainda assim, existem outros sentidos internos que geram influência no comportamento, além dos cinco sentidos comuns, que são os sentidos de interface com a realidade, representando as portas de entrada e de saída dos estímulos e das ações que praticamos.

Após a percepção, tem-se a consciência, quando o Eu (desejo, anseio, vontade ou necessidade a ser atendida) participa nas decisões sobre o comportamento. “Essa interpretação provém dos conceitos da antroposofia de Rudolf Steiner, através dos estudos do psicólogo David Yaari, que identificou doze sentidos interpretados além do sentido

restrito da fisiologia” [33]. Isso fez com que se formasse um conjunto com a consciência do Eu no comportamento do ser humano. Ou seja, todos os sentidos são utilizados em relação ao Eu, em relação a nós mesmos, ao nosso redor e ao redor do mundo, no processo de sentir, querer e pensar.

Os doze sentidos estão distribuídos nesse processo, conforme o quadro 1:

**Quadro 1**

Sentir	visão, olfato, paladar, térmico (que dão a sintonia entre o interior e o exterior)
Querer	tato, orgânico, cinestésico, equilíbrio (que dão a sensação de nós mesmos ao estabelecermos nossa relação com o mundo)
Pensar	audição, linguagem, pensamento, Eu (que dão a sensação do mundo ao estabelecermos nossa relação conosco mesmos)

#### A cartografia alternativa – não hegemônica

“Nas grandes metrópoles nenhuma pessoa pode conhecer bem, senão um pequeno fragmento da cena urbana total; nem é necessário para ela ter um mapa mental ou imagem da totalidade da cidade para poder prosperar no seu canto do mudo” [34].

Kastrup [35] fala em praticar a cartografia e não em aplicar a cartografia, pois não se trata de um método baseado em regras gerais que servem para casos particulares: “a cartografia é um procedimento *ad hoc*, a ser construído caso a caso. Temos sempre, portanto, cartografias praticadas em domínios específicos”.

O desafio da cartografia é justamente a investigação de formas, porém, indissociadas de sua dimensão processual, ou seja, do plano coletivo das forças moventes [36].

Passos [37] adverte que o método da cartografia “não é um conjunto de regras para ser aplicadas, nem um saber pronto para ser transmitido”. Sendo assim, a aprendizagem da cartografia não é questão de aquisição de saber nem de transmissão de informação. É preciso praticar a cartografia.

Os situacionistas não foram os primeiros a trabalhar com mapas para evidenciar situações. A própria infografia foi iniciada a partir de dados correlacionados ao território. No entanto, com o



movimento do século XX é que a cartografia alternativa iniciou-se como forma contestadora e de criação coletiva. Guy Debord, seu precursor, pensava a sociedade em sua totalidade, mais especialmente preocupado com a questão da aparência ter se tornado, a seu ver, mais importante que a questão real de conteúdo. Em seu livro, *A Sociedade do Espetáculo*, reflete sobre as mudanças de seu tempo:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social levou, na definição de toda a realização humana, a uma evidente degradação do ser em ter. A fase presente da ocupação total da vida social em busca da acumulação de resultados econômicos conduz a uma busca generalizada do ter e do parecer, deforma que todo o 'ter' efetivo perde o seu prestígio imediato e a sua função última. Assim, toda a realidade individual se tornou social e diretamente dependente do poderio social obtido. Somente naquilo que ela não é, lhe é permitido aparecer [38].

Fica evidente para ele que a circulação humana é considerada como consumo, e que é, na verdade, um subproduto da circulação de mercadorias. O ato de conhecer os lugares reduziu-se no turismo, fundamentalmente reduzido à distração de ir ver o que já se tornou banal. Não há exploração nem descobertas. "A ordenação econômica dos frequentadores de lugares diferentes é por si só a garantia da sua pasteurização. A mesma modernização que retirou da viagem o tempo, retirou-lhe também a realidade do espaço" [39].

A sociedade, na visão situacionista, modela tudo o que a rodeia, assim como ao seu próprio território. O urbanismo nada mais é que a tomada do meio ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver-se em sua lógica de dominação absoluta, refaz o espaço como seu próprio cenário.

Quando a sociedade perde a comunidade do mito, perde também todas as referências de uma linguagem realmente comum no momento em que a cisão da comunidade inativa é superada pelo acesso à comunidade histórica real. A arte, que foi essa linguagem comum da inação social, no momento em que ela se constitui em arte independente no sentido moderno, emerge do seu primeiro universo religioso e torna-se produção individual de obras separadas, a saber, o movimento que domina a história do conjunto da cultura separada. A sua afirmação independente é o começo da sua dissolução [40].

A cartografia dos afetos, de Deleuze e Guattari, é um método para o conhecimento e o desvendar de uma experiência. Refere-se ao traçado de mapas processuais de um território existencial. É o conceito do mapa filosófico. Para eles:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação [21].

Quando se pensa em cartografia nas artes visuais, as estratégias situacionistas são referências importantes para se pensar uma relação singular e crítica com o espaço, com as instituições e com o cotidiano. Problematicam a cidade, o urbano, a arquitetura, a vida cotidiana, e constituem práticas coletivas de criação artística como exercício de novos modos de experienciar os espaços urbanos.

O termo psicogeografia, sugerido por um iletrado Kabyle para designar o conjunto de fenômenos que alguns de nós investigávamos no verão de 1953, não parece demasiado impróprio. Não contradiz a perspectiva materialista dos acontecimentos da vida e do pensamento provocados pela natureza objetiva. A geografia, por exemplo, trata da ação determinante das forças naturais gerais, como a composição dos solos ou as condições climáticas, sobre as estruturas econômicas de uma sociedade e, por consequência, da concepção que esta possa criar do mundo. A psicogeografia se propunha o estudo das leis precisas e dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente organizado ou não, em função de sua influência direta sobre o comportamento afetivo dos indivíduos. O adjetivo psicogeográfico, que conserva uma incerteza bastante agradável, pode então ser aplicado as descobertas feitas por esse tipo de investigação, aos resultados de sua influência sobre os sentimentos humanos, e inclusive de maneira geral a toda situação ou conduta que pareça revelar o mesmo espírito de descobrimento [38].

A psicogeografia trabalha com conceitos da geografia urbana. Ainda assim, pode ser bem humorada e não necessariamente ser meio de

investigação científica. Os jogos urbanos são a marca da psicogeografia:

Vagar cegamente em Berlim, guiando-se pelo mapa de Londres, ir ao encontro marcado a um lugar pré-determinado na hora exata, porém, sem ninguém o esperando por lá, interações com estranhos, pedir carona quando o transporte público estivesse em greve, andar pelas catacumbas fechadas, plagiar e adulterar obras de arte por colagens, desvio de significados pré-estabelecidos, adotar o mesmo pseudônimo por todos os participantes, excursões às cavernas, procura de “linhas mágicas” formadas por monumentos pré-históricos, performances, sexo grupal público e produção do caos. As ações realizadas são documentadas pelos seus protagonistas [41].

Zonas emocionais não podem ser determinadas simplesmente por condições arquitetônicas ou econômicas. Para os situacionistas, podem ser determinadas num passeio sem rumo: a deriva. Os resultados podem formar a base para uma nova cartografia caracterizada por um total desrespeito pelas práticas tradicionais e habituais.

A produção de mapas psicogeográficos, ou mesmo a introdução de alterações, tais como mais ou menos arbitrária transposição mapas de duas regiões diferentes, pode contribuir a esclarecer certas andanças que não expressam subordinação à aleatoriedade, mas insubordinação completa a influências habituais. Coverley [42] conta que “recentemente um amigo me disse que ele queria conhecer a região de Harz, na Alemanha, enquanto ia seguindo cegamente as instruções de um mapa de Londres”. Para o autor, este tipo de jogo é, obviamente, apenas um começo medíocre em comparação com a construção completa da arquitetura e urbanismo que vai ser um dia dentro do poder de todos.

“Ao demonstrarem a necessidade de unir vida cotidiana e jogo, os situacionistas denunciavam a necessidade de retorno do caráter lúdico às cidades, e se o faziam era por acreditar que o jogo havia sido perdido nos contextos urbanos” [43]. Para Huizinga [44] existe uma terceira função, que se verifica tanto na vida humana como na animal, e é tão importante como o raciocínio e o fabrico de objetos: o jogo. “Creio que, depois de Homo faber, e talvez ao mesmo nível de Homo sapiens, a expressão

Homo ludens merece um lugar em nossa nomenclatura”.

### **Cartografias como imagens do mundo**

Os mapas têm exercido sobre os artistas uma grande fascinação através dos tempos. As formas codificadas de representar os espaços geográficos expressam um ‘ver o mundo’ complexo que abarca o domínio técnico e os conhecimentos científicos – e também os aspectos simbólicos relacionados às formas de organização social. O controle dos conhecimentos envolvidos na arte de cartografar, como observou Bauman apud Bulhões [45] corresponde à necessidade de manipular as incertezas quanto à configuração dos espaços geográficos para garantir sua dominação. Os artistas, em especial a partir da modernidade, quando se desenvolveu mais intensamente a ciência dos mapas, perceberam a riqueza e a complexidade desses mecanismos de representação. Eles foram desafiados por esses novos conhecimentos, inserindo suas imagens e suas obras e lidando com o tipo de pensamento que desenvolviam.

No mundo moderno, a concepção de território esteve na base da formação dos estados nacionais e foi de fundamental importância na estruturação das identidades. Na contemporaneidade, a desterritorialização impôs-se como uma realidade irreversível, seja pelo modo de vida cosmopolita, que se realiza por constantes deslocamentos, seja por um cotidiano marcado pela ação das mídias transacionais, ou, ainda seja pelo consumo que uniformiza padrões de comportamento. A nova ordem econômica e política nacional, apoiada em uma complexa rede de comunicações, possibilitada pelos avanços da tecnologia informatiza, conduz a uma unificação dos espaços, dificultando e mesmo impossibilitando a manutenção das fronteiras tradicionais e dos territórios fechados.

### **Mapas imaginários e poéticas do lugar**

Artistas também criam mapas e percursos individuais, que discutem a pertinência do conceito de cartografia. Essas propostas podem ser tratadas como documentos de trabalho sobre territórios específicos, proporcionando alguns

experimentos ao mesmo tempo críticos e poéticos. São cartografias pessoais que instauram no ciberespaço relações diferenciadas entre as tradições dos campos virtuais e geográficos.

Há também ações coletivas, como a criação de mapas táticos com o uso de drones equipados com câmeras para percepção de outros ângulos de visão e monitoramento das alterações na paisagem – especialmente se há interesses para uso de uma comunidade. Ampliam-se horizontes para apreender o fenômeno crescente de produções cartográficas não hegemônicas. Afinal, os mapas, em especial os da cartografia hegemônica, têm comprometimentos políticos e ideológicos, têm um ‘segundo texto’ que deve ser considerado e podem não ser honestos: representam o espaço a partir de uma intencionalidade, de um contexto e de um objetivo [21].

Toda produção simbólica do espaço cria e transforma este mesmo espaço. Um mapa não é uma produção da verdade, e sim uma expressão da experiência no espaço. “As cartografias não só representam o território como criam um território, todo mapa é uma reterritorialização (no sentido de afirmação de um processo de territorialidade, de apropriação do espaço) e tem a potencialidade de refazer-se e atualizar-se a cada fruição do sujeito” [21]. Mais que objetos, os mapas são processuais, eventos e uma materialidade inacabada. Enfatiza-se aqui que o mapa não é uma representação externa do mundo, mas algo que participa e o afeta. “Ao invés de reproduzir a realidade, ele a produz. Gera argumentos, gera discursos. Necessita de contextualização e recontextualização constantes. Como simplesmente não se limita a descrever e explicar o mundo, é parte de um jogo entre o mundo e nós mesmos” [21].

## Uma semiótica da cidade

Sempre há múltiplas variações no modo de ver a cidade, mas, em cada uma delas, encontra-se sua veracidade representativa. Ou seja, como representações não mimetizam a cidade, mas são parciais enquanto modo de representar e enquanto sentido. Na representação, seleciona-se um aspecto ou parte

de toda a cidade de onde se infere um sentido geral; toda representação é uma síntese metonímica. “Ver-a-cidade tem sua verdade e eficiência na medida em que, na cidade, é selecionada uma imagem persuasiva, ou não. Toda representação é uma parcialidade, uma ficção verídica” [46].

Os modelos fractais examinados nas percepções visuais da forma urbana, segundo Baity [47], visualizam diferentes formas urbanas, com graus muito diferentes de realismo e perspectivas de realização, em modelos muito simplistas. Cullen [48] afirma que, quando olhamos uma coisa vemos, por acréscimo, uma quantidade de outras coisas.

## Cartografia cognitiva

O quadro 2 mostra diferentes categorias de representações do pensamento e da expressão espaciais não-ocidentais, que também podem ser encontradas de uma forma ou outra na nossa própria sociedade.

Para Seeman [49], conforme o quadro 2, a cartografia cognitiva ou mental inclui tanto as imagens do ambiente guardadas na mente das pessoas para encontrar caminhos ou se orientar no espaço, quanto artefatos físicos que registram como as pessoas percebem o espaço e os lugares:

A cartografia de performance pode se manifestar em forma de um ato social não material, oral, visual etc., como gestos, rituais, canções, processos, danças, poemas, histórias ou outros meios de expressão ou comunicação cujo propósito primário é definir ou explicar conhecimentos ou práticas espaciais. A representação espacial também pode ter uma forma material e ‘não efêmera’.

Quadro 2, extraído de Woodward [50]:

<b>Interno - 1</b> (experiência interna)	<b>Externo - 2 e 3</b> (processos e objetos que realizam ou externalizam a experiência interna)	
1 <b>Cartografia cognitiva</b> Pensamento, imagens	2 <b>Cartografia de performance</b> (performance, processos)	3 <b>Cartografia material</b> (registro, objetos)
Onde: 1) Imagens organizadas como constructos espaciais;		

2) a) não material e efêmero – gestos, rituais, canções, poemas, dança, oração; b) material e efêmero, modelo, Croqui;

3) a) in situ - arte rupestre, mapas visualizados; b) objetos móveis e comparáveis – pinturas, desenhos, croquis, modelos, tecidos, cerâmica, registro de mapas de performance.

Mais próximos da idéia contemporânea de atlas subjetivos, os mapas desta categoria são artefatos físicos que podem ser encontrados fixados em um lugar (arte rupestre, desenho de mapas em habitações, paredes etc.) ou são registros 'móveis', 'portáteis' como cerâmica, tecidos, descrições ou desenhos de performance etc.

Ainda que possa se dizer que esta noção de atlas subjetivos tenho um 'pé' na arte, Fairbairn [51] diferencia cartografia de arte: "em ambos os casos pode-se detectar semelhanças entre os meios pelos quais eles atuam em 'matéria-prima' (definida de formas específicas), transformando-o de maneiras diferentes e para diferentes fins". Incorporar um ponto de vista realista apenas traz sensação de familiaridade para a percepção do observador. Mas isso não precisa ser um compromisso.

## CONCLUSÃO

Espera-se contribuir não somente com conhecimento teórico sobre as estratégias de comunicação dentro do design, mas também com recursos práticos destinados à construção de documentos visuais. De outra forma, os resultados obtidos podem fornecer subsídios ao conceito de mapas subjetivos como forma de conhecimento. Supõe-se, por decorrência, que esses resultados possam contribuir para outras áreas de estudo, como às relacionadas às ciências sociais e ao comportamento. Note-se que o resultado desse estudo, na forma de modelo experimental, também pretende ser agente transformador social.

Das pesquisas realizadas até o momento, percebe-se que há um amplo material sobre percepção não direcionado às pesquisas relacionadas ao ambiente. Com a facilidade de acesso dos sistemas web e a possibilidade de desenvolvimento de ações colaborativas, há um processo sutil de criação de ações voltadas à

cartografia urbana, especialmente ligadas a iniciativas artísticas.

Dos resultados futuros, espera-se identificar e descrever as possibilidades de aplicação de um roteiro para a criação de um atlas subjetivo.

## BIBLIOGRAFIA

- [1] FERREIRA, Conceição Coelho; SIMÕES, Natércia Neves. A Evolução do Pensamento Geográfico. Lisboa: Gradiva, 1994, p 30.
- [2] CLAVAL, Paul. A geografia cultural. 3. ed. Florianópolis: da UFSC, 2007, p 219.
- [3] MEDEIROS, Denise Ouriques. Infográficos: o Visual da Informação – Parte 1. São Paulo: Publish, 2010, p 58.
- [4] VET, Annelys de. Subjective Atlas of the European Union. Tallinn (Estônia): Eesti Ekspress, 2004. Disponível em <www.annelysdevet.nl>, acessado em 13 de agosto de 2013.
- [5] MARTINELLI, Marcello. Mapas da geografia e cartografia temática. São Paulo: Contexto, 2009, p 08.
- [6] LEÃO, Lúcia (org.). Derivas: Cartografias do Ciberespaço. São Paulo: Annablume, SENAC, 2004, p 09.
- [7] LEIRIAS, Ana Gabriela. Novas cartografias online, arte contemporânea e outras geografias. Geograficidade | v.2, Número especial, Primavera 2012, p 123.
- [8] AULETE, iDicionário. Psicogeografia – conceito. Disponível em <http://aulete.uol.com.br/psicogeografia>, acessado em 13 de agosto de 2013.
- [9] CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013, pp 28-29.
- [10] CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013, pp 30.
- [11] HASLAM, Andrew. O Livro e o Designer II. São Paulo: Rosari, 2010, p 119.
- [12] LIDWELL, Willian; HOLDEN, Kritina; BUTLER, Jill. Principios universales de diseño. Barcelona: Blume, 2008, p 16.
- [13] FERREIRA, Conceição Coelho; SIMÕES, Natércia Neves. A Evolução do Pensamento Geográfico. Lisboa: Gradiva, 1994, p 95.
- [14] VET, Annelys de. Subjective Atlas of ...: About Amsterdã: 2011. Disponível em <subjectiveatlas.info>, acessado em 13 de agosto de 2013.
- [15] BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 93.
- [16] GOUVEIA, Patrícia Figueira. Cartografia e mapeamento dinâmico. Lisboa: Tendências da Cultura da Rede em Portugal, 2012, p 10.
- [17] PIMENTA, Emanuel Dimas de Melo. Teleantropos. Lisboa: Estampa, 1999, p 68.
- [18] MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2005, p 143.
- [19] SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p 128.
- [20] LEIRIAS, Ana Gabriela. Novas cartografias online, arte contemporânea e outras geografias. Geograficidade | v.2, Número especial, Primavera 2012, p 119.



- [21] LEIRIAS, Ana Gabriela. Novas cartografias online, arte contemporânea e outras geografias. *Geograficidade* | v.2, Número especial, Primavera 2012, p 120-121.
- [22] MICELI, Paulo. O tesouro dos mapas: a cartografia na formação do Brasil. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2002, p 35. (Exposição da Coleção Cartográfica do Instituto Cultural Banco Santos)
- [23] TUAN, Yi-fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983, p 86.
- [24] GOMES, Paulo Cesar da Costa. O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, p 05-06.
- [25] JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Lisboa: Edições 70, 1994, p 67.
- [26] GOMBRICH, E. H.. Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p 96.
- [27] ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. Cap. 7. P. 131-149 in PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílana da (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p 131.
- [28] MARUYAMA, Natalia. A contradição entre o homem e o cidadão: consciência política segundo J. J. Rousseau. São Paulo: Humanitas - USP, 2001, p 82-83.
- [29] MERLEAU-PONTY, Maurice. Conversas: 1948. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p 01.
- [30] MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p 273.
- [31] AUMONT, Jacques. A imagem. 7. ed. Campinas: Papius, 2002, p 22.
- [32] OLIVEIRA, Livia de. Ainda sobre percepção, cognição e representação em geografia. P. 189-196 in MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (Org.). Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba: UFPR, 2004, p 32.
- [33] OKAMOTO, Jun. Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação. São Paulo: Mackenzie, 2002, p 104-106.
- [34] TUAN, Yi-fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1974, p 222.
- [35] KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. Cap. 4. P. 76-91 in PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílana da (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p 76.
- [36] ESCÓSSIA, Lílana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. Cap. 5. P. 92-108 in PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílana da (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p 99.
- [37] PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílana da (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p 201.
- [38] DEBORD, Guy E. Introdução a uma crítica da geografia urbana. *Les lèves nues*, nº 6 (jornal surrealista belga). Bruxelas: setembro, 1955, p 13.
- [39] DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. 3. ed. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003, p 109.
- [40] DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. 3. ed. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003, p 119.
- [41] Eerola, Toni T. A psicogeografia no ensino de geociências no espaço construído: experiências nos shopping centers da Grande Florianópolis. *Geosul*, Florianópolis, v. 19, n. 37, p 135-156, jan./jun. 2004, p 139.
- [42] COVERLEY, Merlin. *Psychogeography*. Hertfordshire: Pocket Essentials, 2006, p 90.
- [43] DIAS, Juliana Michaello M. 'O grande jogo do porvir': a Internacional Situacionista e a idéia de jogo urbano. *Estudos e pesquisas em psicologia*, UERJ, RJ, v. 7, n. 2, p. 210-222, ago. 2007, p 211.
- [44] HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000, p 3.
- [45] BULHÕES, Maria Amélia. Web arte e poéticas do território. Porto Alegre: Zouk, 2011, p 81-82.
- [46] FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Design em espaços. São Paulo: Rosari, 2002, p 117.
- [47] BAITY, Michael; LONGLEY, Paul. *Fractal cities: a Geometry of Form and Function*. London: Academic Press, 1994, p 371-372.
- [48] CULLEN, Gordon. Paisagem urbana. Lisboa: 70, 2008, p 10.
- [49] SEEMANN, Jörn. Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa. *OLAM - Ciênc. & Tec. Rio Claro Vol 3 no 1* p. 200-223 Setembro/2003, p 06.
- [50] WOODWARD, David; LEWIS, G. Malcolm (org) *The History of Cartography. Volume 2 Book 3: Cartography in the Traditional African, American, Australian, and Pacific Societies*. Chicago: University of Chicago Press, 1998, p 03.
- [51] FAIRBAIRN, David. Rejecting illusionism: transforming space into maps and into art. P. 23-34 in CARTWRIGHT, William; GARTNER, Georg; LEHN, Antje (Ed.). *Cartography and Art*. Verlag Berlin Heidelberg: Springer, 2009, 23.